

O violoncelista

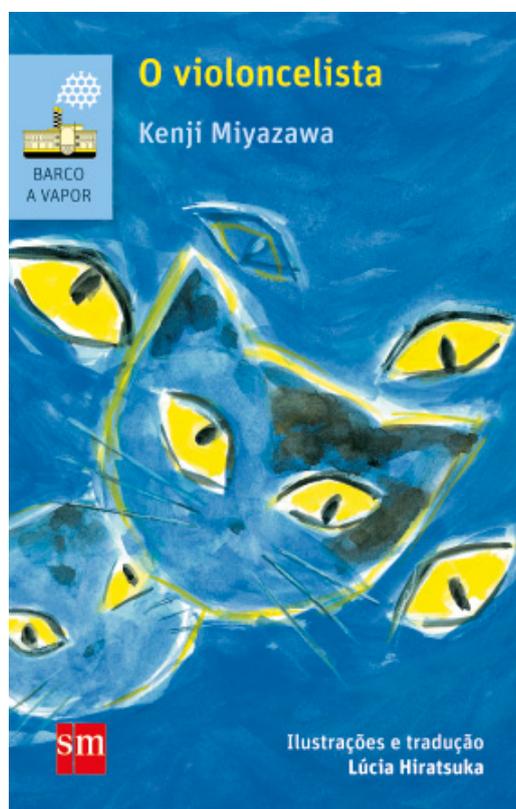
Kenji Miyazawa

Tradução e ilustrações Lúcia Hiratsuka

Temas Aprendizado • Música • Natureza • Humildade



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



2ª edição
Série Azul
88 páginas



O LIVRO **No Japão rural do início do século XX**, Goshu é violoncelista na orquestra Vênus, que faz o acompanhamento musical dos filmes mudos da época. Apesar de todo o esforço e concentração de Goshu, o maestro nunca parece satisfeito. O *cello* atrasa, não se harmoniza; mas o pior é que parece faltar ao violoncelista mais do que técnica: falta-lhe sentimento. Depois dos ensaios, na privacidade de sua casa humilde, em um moinho afastado da cidade, Goshu toca até quase perder os sentidos. Nesses momentos, de profunda introspecção, quando não precisa se concentrar ou controlar os sentimentos, entrega-se à música. Então uma série de visitas inesperadas o compele a tocar de formas diferentes. Pouco a pouco, isso permite que Goshu expresse sentimentos antes contidos, por meio da música. A jornada emocional é uma jornada musical, e vice-versa.

O AUTOR Kenji Miyazawa (1896-1933) foi um escritor popular no Japão. O reconhecimento de sua obra atravessa gerações. A fé budista e a consciência dos problemas sociais da área rural onde nasceu levaram Miyazawa a dedicar grande parte da vida à tentativa de dirimir as agruras dos despossuídos do Japão do começo do século passado. Sua poética nasce dessas condições e também do interesse que tinha pelo estudo da ciência, da filosofia e da arte. Seu universo é repleto de elementos da natureza que ganham vida e significado. O autor acreditava que a felicidade advinha de proporcionar alegria a outros seres vivos e de estabelecer com aqueles em torno de si uma espécie de equilíbrio.

A ILUSTRADORA Lúcia Hiratsuka nasceu em 1960, em Duartina, interior de São Paulo. Ela se apaixonou pelos livros e pelas artes plásticas ainda criança. O primeiro contato com esse universo foi pelo *ehon*, o livro ilustrado japonês, uma tradição que remonta ao século VIII. Atualmente Lúcia escreve e ilustra os próprios livros. Boa parte das histórias que conta são inspiradas em sua infância.

* Os destaques remetem ao item *Mergulhando na temática*.

Mergulhando na temática

O JAPÃO DE KENJI MIYAZAWA A produção literária de Kenji Miyazawa tem lugar no início do período Showa, que corresponde ao reinado do imperador Hiroito (dezembro de 1926 a janeiro de 1989), o mais longo da história do Japão. Ao contrário do que pregava no momento de sua coroação, quando afirmou que, tendo testemunhado as agruras da guerra, entendia a bênção da paz, o governo de Hiroito, especialmente nos anos 30, nada teve de idílico ou pacífico. Durante seu reinado, o Japão assistiu à escalada do totalitarismo e do ultranacionalismo. Morto em 1933, Kenji Miyazawa viveu em um Japão marcado pelas guerras sino-japonesas de 1894 e de 1937, bem como pela guerra russo-japonesa (1904-1905), que ocorreram em decorrência do projeto expansionista e da pujança militar nipônicos. Após a vitória sobre a Rússia, o Japão aos poucos se tornou uma potência asiática, com uma marinha poderosa e um exército numeroso. Nesse período, assistiu-se à crescente militarização do país, que participou da Primeira Guerra Mundial ao lado da Grã-Bretanha e da França contra a Alemanha. Interessado em territórios dominados pelos alemães, como partes da China, ilhas na Micronésia e outras áreas do Pacífico Sul, o Japão se aliou, pela primeira vez, a outros países em uma guerra. Em 1937, começou a segunda guerra contra a China e, anos depois, o país envolveu-se na Segunda Guerra Mundial, que culminou com a explosão das bombas de Hiroshima e Nagasaki, lançadas pelos Estados Unidos. ▶

INTERPRETANDO O TEXTO

UMA NARRATIVA DE RENASCIMENTO PESSOAL

O violoncelista descreve o processo de amadurecimento artístico e pessoal do jovem Goshu. A narrativa faz alusões a seres mitológicos do Japão antigo e a referências culturais e artísticas mundiais que remetem à ideia do (re)nascimento como início de um ciclo de completude e felicidade. Como é característico na obra de Kenji Miyazawa, as esferas da natureza, da cultura e das artes são indissociáveis e compõem um todo harmônico, cuja trajetória de desenvolvimento estrutura o livro.

A narrativa se divide em seis partes bem definidas, quatro delas compostas pelas noites em que, sozinho na cabana do moinho onde mora, Goshu recebe a visita de alguns animais. Enquanto crê que lhes ensina algo, na verdade aprende com eles a afinar seu ouvido e a ouvir a música por meio do resgate de sentimentos que até então não deixava aflorar.

Goshu não é apenas o personagem principal, mas o coração da narrativa. Assim, quando é apresentado ao leitor, ele parece um jovem contido. Ao longo das noites em que é visitado, no entanto, passa da rispidez à solidariedade, da racionalidade cética à emoção contagiante. Os efeitos dessa transformação se refletem em sua *performance* musical durante a apresentação final da orquestra.

PARTE I – MUTISMO MUSICAL

A frase que abre *O violoncelista* instala, de maneira metafórica, o nó górdio que será desfeito pela narrativa: “Goshu era violoncelista na **orquestra de cinema mudo** da cidade” (p. 13). A relação entre a película que não tem som, mas transmite emoção, e o músico que produz som, mas não chega a atingir o coração dos ouvintes, é o mote para o desenvolvimento do enredo, que se apoia fortemente no processo de **construção e desenvolvimento do personagem**.





Ante a realidade belicosa que se impunha à época, a delicada obra de Kenji Miyazawa, publicada no entreguerras, apelava para sentimentos humanitários e uma compreensão do homem como parte do ciclo natural da vida.

VÊNUS O nome da orquestra de Goshu é uma alusão ao mundo da cultura e das artes, que compõe o quadro holístico pintado por Miyazawa, mas também uma referência a um tema central para o conto: o nascimento. Frequentemente retratada nascendo das espumas do mar, a imagem de Vênus, deusa romana do amor e da beleza, indica no texto do livro que é pela interação com diferentes elementos da natureza ou da sensibilidade humana, pela aceitação de todos esses aspectos de sua formação, que Goshu atinge um grau maior de sensibilidade. Esse ganho não é apenas musical, mas também se refere a uma atitude mais solidária em relação aos outros seres, como se vê na cena em que o cuco tenta atravessar a janela e está prestes a se machucar.

Vênus é equivalente a Afrodite no panteão grego. Um dos mitos do nascimento da deusa conta que ela teria surgido de dentro de uma concha de madrepérola, gerada pelas espumas do mar. Era considerada mulher de

Na abertura, apresentam-se o ambiente, os personagens e o ponto de partida da ação. Conhecemos Goshu, jovem músico que represa a própria sensibilidade: ferido pelos ataques do maestro e frustrado por sua atuação medíocre, esconde as lágrimas que correm ao fim do ensaio. A cultura local se faz presente na reação igualmente discreta e contida dos demais músicos. Quando Goshu era repreendido, “os outros músicos, penalizados, fingiam indiferença, ajeitavam os instrumentos ou mergulhavam os olhos nas próprias partituras” (p. 14).

Nessa parte introdutória, a apresentação do jovem personagem é feita com descrições objetivas de suas atitudes. A delicada linha do enredo se estabelece justamente por meio dessa característica: o retrato, embora pareça exterior e objetivo, denota os sentimentos do personagem e é sua evolução que constitui o “coração” da obra.

“E Goshu – de lábios cerrados, os olhos quase uma bola de tão arregalados e presos na partitura – dava o máximo de si” (p. 14). Nessa passagem é possível perceber como a imagem que a narrativa suscita passa a construir os aspectos emocionais do personagem. O leitor começa, assim, a formar a ideia de um jovem dedicado, que busca pelo esforço compensar o que o maestro atribui à falta de emoção: “Goshu se esforçava para acompanhá-los, a face rubra e a testa molhada de suor” (p. 14), mas seus esforços não atingiam a expectativa do maestro: “Não! Péssimo! Essa parte é o coração da música (...) Goshu? O que faço com você? Não tem expressão, tristeza, raiva, nada... sentimento nenhum. E mais, nunca se ajusta aos outros, parece estar sempre correndo atrás com o cordão do sapato solto” (p. 16).

Apesar das lágrimas contidas ao final do ensaio, são as experiências das noites subsequentes que realmente propiciam ao músico entrar em contato com sua sensibilidade e externar as emoções, inclusive musicalmente.





Vulcano, mas mantinha uma relação adúltera com Marte.

Na epopeia *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, Vênus apoia os heróis portugueses.

Provavelmente a imagem mais famosa da deusa está em *O nascimento de Vênus*, de Sandro Botticelli (1445-1510). Nesse quadro, Vênus é representada emergindo como uma mulher adulta, conforme descrito na mitologia romana. Ela surge das águas em uma concha, empurrada para a margem pelos Ventos d'Oeste, símbolo das paixões espirituais, e recebendo de uma Hora (Horas eram as deusas das estações) um manto bordado de flores. Na Antiguidade clássica, a concha do mar era metáfora para vagina.

O VIOLONCELISTA O conto de Kenji Miyazawa foi traduzido em várias línguas e adaptado para o cinema em uma animação de 1982 por Isao Takahata. Embora outras adaptações para o cinema tenham sido produzidas anteriormente, a de Takahata ficou famosa pelo esmero com que a história de Goshu foi representada. O animador, Shunji Saida, chegou a ter aulas de violoncelo para conseguir reproduzir com maestria o movimento dos dedos do músico. Foram necessários seis anos para concluir o filme, que tem pouco mais de uma hora de duração.

PARTE II – A FÚRIA DO TIGRE

Na primeira noite após o ensaio desastrado, Goshu volta para casa, bebe **água** e começa a ensaiar ardentemente. A princípio, toca e reflete sobre seu desempenho. Depois, envolve-se de tal maneira com a música que mal sabe o que está tocando.

É nesse momento que um **gato** bate a sua porta. Para fúria do músico, traz como presente tomates da própria horta do jovem. Diante da insistência do gato em querer ouvir Goshu tocar, o músico cede. Enquanto se diverte acreditando que dá ao gato uma lição por sua impertinência (a música causa solavancos e descargas elétricas no bichano), acaba esquecendo-se de pensar sobre sua *performance* e permite que as emoções transpareçam na música.

Nessa primeira noite, Goshu recebe o gato de forma ríspida. Começa a se configurar sua personalidade: solitário, introspectivo e pouco afável nas relações interpessoais (se considerarmos pessoas os animais com quem ele se relaciona, humanizados na narrativa).

A visita do gato simbolicamente anuncia as mudanças internas pelas quais o personagem principal passará. Ali se dá o início do processo de transformação do músico. Naquela noite, Goshu presencia os efeitos físicos gerados por sua música no gato; entra em contato, assim, com as possibilidades que a música oferece para suscitar sentimentos e sensações.

PARTE III – A SUTILEZA DO CUCO

Na segunda noite, à revelia de seu raciocínio crítico, Goshu aprende duas coisas sutis: um afinamento delicado na música, que não depende apenas de concentrar-se e tocar conforme a partitura, e um sentimento impulsivo de solidariedade. O rapaz tímido, que é às vezes cruel e ríspido com seus visitantes, começa a passar por mudanças profundas.

Dessa vez, quem o visita é um cuco. Humildemente pedindo para aprender música, o pássaro leva Goshu a repetir à exaustão as mesmas notas. Mais uma vez, a reação inicial do músico é ficar irritado. No entanto, com as repetições desprezíveis, começa a perceber que seu do-ré-mi-fá se ajusta conforme ele acompanha o pássaro. Com o cuco, Goshu aprende, de forma instintiva, a diferença entre ouvir uma música e escutar de fato a música. Sua afinção e a de seu instrumento passam por uma mudança delicada.

De repente, seu estado de enlevo é interrompido por um pensamento cortante: Goshu se sente ridículo por estar tocando com um pássaro e, ainda por cima, tirando lições proveitosas do duto. O sentimento que aflora, no entanto, dificilmente pode ser contido pela razão contrariada do moço. Quando é enxotado, o

ORQUESTRA DE CINEMA MUDO Os filmes produzidos antes da década de 1920 eram mudos, isto é, não apresentavam ainda a tecnologia para aliar o som à imagem. Música ao vivo ou efeitos sonoros precários eram executados no momento da exibição. Muitas vezes, essas obras traziam letreiros inseridos entre as cenas ou legendas pela necessidade de informações que as imagens não conseguiam transmitir por si sós.

Com sua crescente popularidade, os filmes também foram, aos poucos, tornando-se mais longos e complexos. Vale notar que a música no cinema, até hoje, mesmo com os filmes sonoros, tem o efeito de suscitar reações emocionais na audiência. Há um debate entre estudiosos de cinema sobre a música como elemento manipulador do espectador. Convém lembrar esse fato para reforçar a dicotomia entre o cinema mudo, sem voz, a música que lhe confere emoção e a trajetória do músico Goshu, que parte da dificuldade de expressar as próprias emoções e chega, ao final do conto, levando a plateia ao delírio com sua *performance*.

Para saber mais:

BERNARDET, Jean-Claude. *O que é cinema*. São Paulo: Brasiliense, 1980. (Primeiros Passos, v. 9.)

GOMES, Paulo Emílio Sales. Singularidades chaplianas. In: *Crítica de cinema no Suplemento Literário*, Rio de Janeiro: Embrafilme; Paz e Terra, 1981. v.1

cuco – como em geral acontece quando um pássaro se acha preso dentro de uma casa – se lança de encontro ao vidro da janela. Por três vezes o animal se fere na tentativa de fuga. Já muito machucado, ele se prepara para tentar atravessar o vidro mais uma vez; nesse momento Goshu reage: sem tempo de abrir a janela, ele chuta a vidraça para que o pássaro possa sair.

Para os japoneses, o canto do cuco é um sinal do início do verão. O lago Biwa, o maior de água doce do Japão, tem o silêncio quebrado pelo canto desses pássaros, que voam rente à superfície da água no início da nova estação. Assim, a visita do cuco pode ser compreendida como uma metáfora de transformação e renascimento. No enredo, o contraste entre a rispidez com que o jovem havia recebido a ave e sua atitude humanitária ao amanhecer mostra como também os sentimentos vão mudando ao longo dos serões musicais que ele e seus amigos animais protagonizam durante a noite.

PARTE IV – O RITMO DO GUAXINIM

Na terceira noite, Goshu é visitado por um **guaxinim**. Com seu tamborzinho, o animal, da mesma forma imperceptível dos demais, faz com que o músico desenvolva um sentido importante: o ritmo. Quando o guaxinim chega, tímido, Goshu grita e ameaça fazer sopa do filhote. Mas, em seguida, acha graça no bichinho e, como havia acontecido com os outros, acaba acatando o pedido do visitante e toca para ele.

Conforme o guaxinim o acompanha com o tamborzinho, Goshu tem a oportunidade de afinar seu senso de ritmo. E, ao longo da sessão, desenvolve até certa simpatia pelo animalzinho.



PARTE V – A MÚSICA QUE CURA

Na última noite de visitas, o autor dá forma à mensagem de que a música pode produzir efeitos em quem a escuta: a ratinha que visita Goshu com seu filhote quer que o músico o cure, como fez com outros animais. Incrédulo, a princípio, ele se convence

de que a música pode, de fato, causar efeito benéfico por meio do estímulo à circulação sanguínea.

Dessa vez, a recepção já é diferente: “Pela fresta, em passos pequeninos e ligeiros, entrou uma ratinha do campo. Ela trazia o filho minúsculo. Pararam os dois em frente ao moço. Tão miúdo era o filhote, como uma taturana, que Goshu riu sem querer” (p. 57).

Como se vê, a empatia com o próximo, que aflora aos poucos e contra a vontade de Goshu, se expressa agora no primeiro contato. Para colocar o bichinho em seu instrumento, o músico carrega-o com cuidado e delicadeza.

O contraste entre o jovem que recebe furioso a visita do gato impertinente e o da quarta noite é evidente.

Curado, o ratinho se põe a correr pela sala. Goshu já tem, a esta altura, os elementos que farão a diferença no dia da apresentação.

PARTE VI – GRAN FINALE

Seis dias depois, quando chega afinal o dia do concerto, a orquestra Vênus faz um sucesso memorável. O público, arrebatado pela execução da *Sexta sinfonia*, de Beethoven, pede bis, e é Goshu quem volta ao palco para um solo. Toca a mesma música que havia apresentado para o gato, o visitante da primeira das movimentadas noites musicais em seu casebre.

A plateia vai ao delírio e o maestro não cabe em si de contentamento, de orgulho e de surpresa. As lições que Goshu aprendeu, as de músicas e emoções, se realizam plenamente nessa apresentação.

CONSTRUINDO UM PERSONAGEM COMPLEXO

Dois tipos básicos de personagem compõem as obras de ficção: os planos e os esféricos. Os planos são personagens sem profundidade psíquica, ou seja, não mudam conforme as circunstâncias ou os fatos do enredo. São facilmente identificáveis por um ou por poucos traços de personalidade. Já os personagens esféricos, como é o caso de Goshu, são mais complexos. Conforme os eventos se apresentam ao longo da obra, aprendem lições, fazem reflexões, enfrentam situações difíceis e desafiadoras ou deparam com momentos reveladores. Qualquer que seja o trajeto de um personagem esférico, ele não é idêntico, no final, ao personagem que se apresenta no início da obra de ficção.

Em geral o(s) personagem(ns) principal(is) de um conto ou romance é(são) esférico(s), os secundários, planos.

Para saber mais:

CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Debates – Literatura, v. 1.)



ÁGUA Todas as noites o mesmo ritual se repete na casa de Goshu. Ele bebe água, recebe um visitante e, ao atender ao pedido da visita, acaba aprendendo uma lição importante sobre música e expressão de sentimentos. O fato de beber água faz referência à purificação; no Japão, os templos do xintoísmo – religião caracterizada pela adoração de divindades que representam as forças da natureza e professada pela maioria da população – possuem uma pia com água corrente para o ritual da purificação. Na narrativa, é nesse momento que o músico se purifica e entra em contato com sua essência.

GATO O gato que visita Goshu na primeira noite remete à lenda do *manekineko*, gato que simboliza boa sorte. Com a pata curvada, voltada para frente, ele acena para a prosperidade e sucesso nos negócios. Na primeira parte da história, esse animal intuitivo aparece como símbolo de presságio do sucesso que Goshu terá como músico.

GUAXINIM Na terceira noite, Goshu recebe a visita de um *tanuki*, animal típico do Japão, cujo nome costuma ser traduzido como “guaxinim” (a tradução não é exata, pois não há um correspondente para esse animal no universo brasileiro ou português). Ele costuma ser visto como um bicho alegre e travesso e é frequentemente retratado com testículos

Quando chega em casa, o personagem revela como as transformações pelas quais passou foram profundas. E admite, demonstrando enorme sentimento de gratidão: “Naquela noite, bem tarde, Goshu chegou em casa. E mais uma vez bebeu água com avidez. Depois abriu a janela e, olhando para o céu distante, por onde o cuco tinha voado, disse: – Sabe, cuco, sinto muito por aquele dia. Não era com você que eu estava bravo” (p. 80). Com essa expressão de humildade, termina o livro.

DIALOGANDO COM OS ALUNOS

ANTES DA LEITURA

1. Antes de propor a leitura de *O violoncelista*, pode ser interessante fazer um levantamento do conhecimento prévio dos alunos sobre música clássica e os instrumentos de uma orquestra. Para entrar no universo musical e suas relações com a natureza, pode-se propor um passeio a um parque ou ao jardim da escola para a escuta de sons de pássaros, água corrente, vento soprando os galhos etc., seguido de uma exploração de instrumentos musicais que podem ser associados aos sons catalogados.
2. Ouvir a *Sexta sinfonia* e pedir aos alunos que desenhem ou pintem o que a música lhes suscita. Um momento para a exposição dos trabalhos e dos sentimentos após a atividade pode trazer à consciência as emoções e os sentimentos que a música proporciona.

DURANTE A LEITURA

Para melhor compreensão e discussão de conceitos, a leitura pode ser feita em capítulos. Em cada parte, é interessante questionar os alunos sobre os sentimentos e ações que refletem o estado emocional de Goshu e garantir um registro do que é dito pelo gru-



desproporcionais, os quais usa como tambor. A alusão a esse ser da mitologia japonesa no conto, assim como outras referências, aponta para uma integração entre elementos da cultura e da natureza, bastante característica do universo da obra de Kenji Miyazawa.

A SEXTA SINFONIA DE BEETHOVEN também conhecida como *Pastoral*, se divide em cinco movimentos, com o propósito de descrever a atmosfera de ambientes rurais. Não é por acaso que esse é o programa apresentado pela orquestra Vênus.

Os cinco movimentos que compõem a sinfonia são:

1. *Allegro ma non troppo* – “Despertar de sentimentos alegres diante da chegada ao campo”.
2. *Andante molto mosso* – “Cena à beira de um regato”.
3. *Allegro* – “Dança campestre”.
4. *Allegro* – “A tempestade”.
5. *Allegretto* – “Hino de ação de graças dos pastores, após a tempestade”.

Entre outras referências ao elemento água – tempestade, primeiras gotas da chuva –, as cordas, na abertura do segundo movimento, remetem ao som da água corrente.

Instrumentos de sopro imitam aves. *O violoncelista* se estrutura em partes bem definidas, assim como a *Sexta sinfonia*, cujos cinco movimentos podem ser relacionados aos da vida, tais como definidos pela filosofia taoísta oriental. No conto, Goshu passa por uma transformação interna que reflete o ciclo da vida segundo as estações do ano:

po para que a evolução do personagem e da narrativa fique clara. Dar oportunidade para que os alunos expressem seus sentimentos em situações desafiadoras que já tenham vivenciado é de extrema importância, tanto para a organização de ideias como para o desenvolvimento da habilidade oral de narrar.

1. Referências históricas, culturais e artísticas podem ser abordadas conforme o desenvolvimento do livro. Para que os alunos entendam o que é o cinema mudo, por exemplo, seria interessante e divertido assistir a trechos de filmes de Charlie Chaplin. Além dos filmes mudos antigos, pode ser enriquecedor observar como há referências a esse gênero em produções modernas, como *Rumba* (2008), comédia francesa nada convencional, com influências claras do cinema mudo, dirigida pelo belga Dominique Abel, pela canadense Fiona Gordon e pelo francês Bruno Romy.
2. Ao explorar o nome da orquestra – Vênus –, vale a pena observar o quadro de Botticelli, relatar algumas das referências que estão representadas pictoricamente (os ventos, as águas, o nascimento) e instigar os alunos a estabelecer relações entre esses elementos e os que aparecem no texto.

DEPOIS DA LEITURA

1. Para sentir as vibrações do som no corpo, pode-se fazer uma atividade que mobilize a circulação de energia (uma música animada com propostas de chacoalhar o corpo é suficiente), seguida de relaxamento. Em um espaço amplo, em que os alunos possam deitar para o relaxamento em silêncio, tocar sinos ou triângulo: as vibrações dos diferentes tons poderão ser sentidas no corpo, especialmente nas mãos e nos pés. Esse tipo de vivência facilita aos alunos a compreensão sobre o que acontece no episódio da ratinha, cujo filhote é curado pela vibração da música.

Para saber mais:

<http://www.oshobrasil.com.br/Meditacoes%20do%20Osho.htm>

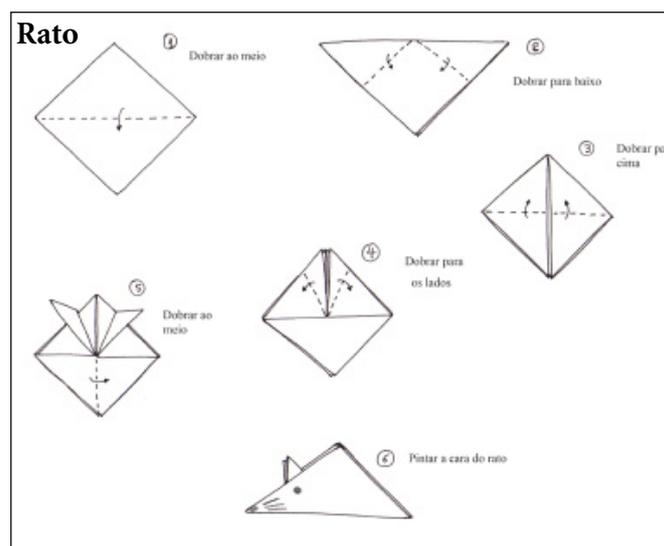
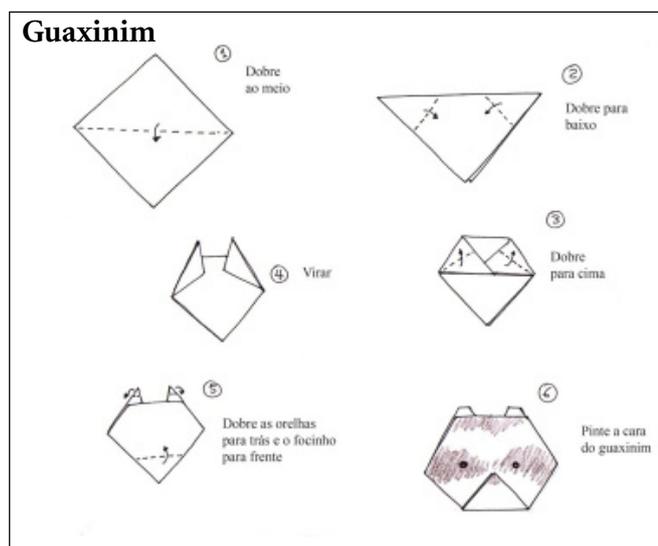
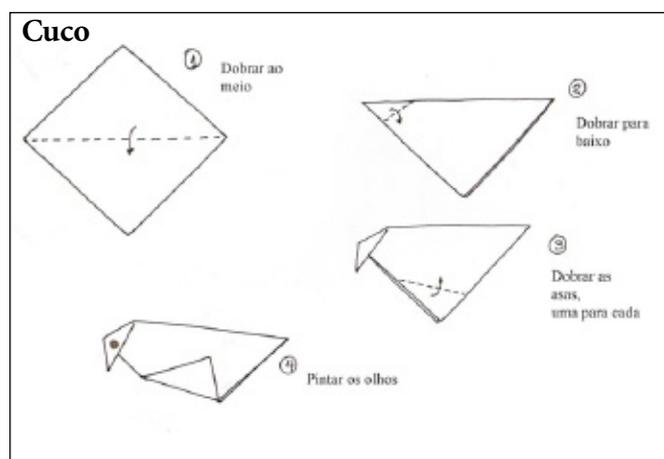
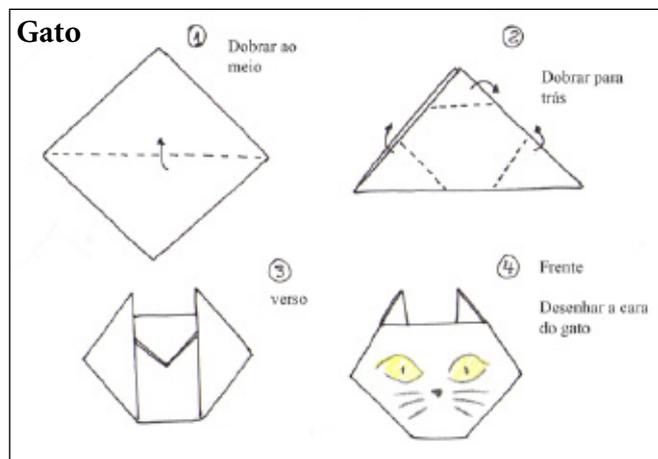
O CD *Kundalini* tem as músicas, as propostas corporais e os sons de sino ao final.



- ▶ 1. Outono – Momento de angústia e solidão.
- 2. Inverno – Auge da interiorização.
- 3. Primavera – Momento da determinação e da criação.
- 4. Verão – Momento do entusiasmo, de exteriorização e alegria.

Referências como essas dão a dimensão integradora que os diversos elementos adquirem na obra de Kenji Miyazawa.

- 2. Como atividade para expressar plástica e verbalmente o que sentiram e sobre o que refletiram durante a leitura, os alunos podem fazer origamis. A partir das imagens abaixo, que explicam o passo a passo para fazer as dobraduras, os alunos podem escolher um dos animais da história para reproduzi-lo e, em seguida, explicar por que escolheram aquele animal ou o que acham que ele representa na história.



ELABORAÇÃO DO GUIA EVELISE GUIOTO DE SOUZA (MESTRANDA EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS, USP, E COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO DA ESCOLA BEITY YAACOV); PREPARAÇÃO BRUNO ZENI; REVISÃO MARCIA MENIN E CARLA MELLO MOREIRA.